

INFÂNCIA E CIDADE: CRIANÇAS E ADULTOS EM UM ESPAÇO PÚBLICO
NASCIMENTO, Anelise Monteiro do – UFRRJ
GT-03: Movimentos Sociais e Educação

A RUA DIFERENTE

*Na minha rua estão cortando árvores
Botando trilhos
Construindo casas.
Minha rua acordou mudada.
Os vizinhos não se conformam.
Eles não sabem que a vida
Tem dessas exigências brutas.
Só minha filha goza o espetáculo
e se diverte com os andaimes,
a luz da solda autógena
e o cimento escorrendo nas fôrmas*

Carlos Drummond de Andrade¹

Apresentação

Dois aspectos marcam a elaboração deste artigo que é fruto de uma dissertação defendida e aprovada: a infância e seus modos de ser e estar no mundo; e as cidades como organismo passível de intervenção planejada e controlada. Os dois temas têm sido objeto de estudos que buscam uma compreensão das relações sociais que envolvem o homem na contemporaneidade. O ponto de partida é o reconhecimento das crianças como atores sociais plenos e do espaço da cidade como mediador das relações humanas. Para compreender a dinâmica que envolve adultos e crianças na cidade, foi preciso encontrar um local cuja rede de significados existentes representasse as discussões mais recentes nas duas áreas. Inicialmente, foi realizado um estudo exploratório que mapeou espaços públicos ocupados por crianças e adultos na cidade onde a pesquisa foi realizada. A escolha foi por uma pracinha, pela natureza das relações ali estabelecidas e pelos múltiplos significados que seus ocupantes lhe atribuíam. Uma vez definido o campo, a revisão de literatura sobre o tema infância e também sobre metodologia de pesquisa apontava para dois grandes

¹ In: Alguma Poesia. Rio de Janeiro: Record, 2002

desafios. O primeiro, a pesquisa com crianças e o segundo, a investigação tendo como campo um espaço urbano público.

A pesquisa com criança - desafios metodológicos

Sobre o primeiro desafio, deve-se considerar as crianças como um segmento social que não constrói conhecimento formal sobre si mesmas. Como fazer uma pesquisa onde elas estejam no centro da cena? Como fazer emergir o que lhes é mais significativo? Essa tem sido a busca de muitos pesquisadores em diversas áreas. Entre eles há o consenso do quanto ainda temos que caminhar na construção das bases de uma metodologia de pesquisa com crianças. Como afirma Quinteiro (2002):

“No campo da análise das representações sociais das crianças ainda estamos construindo os “faróis de análise” que permitem observar, ouvir e interpretar as vozes da infância, recentemente registradas por pesquisadores em diferentes campos do conhecimento e das práticas sociais”. (P. 156)

Nos anos que seguiram à publicação de Quinteiro, muitos trabalhos apontaram possíveis caminhos. Hoje, vemos a emergência do campo da sociologia da infância, que busca “interrogar a sociedade a partir de um ponto de vista que toma as crianças como objeto de investigação sociológica por direito próprio, fazendo crescer o conhecimento, não apenas sobre a infância, mas sobre o conjunto da sociedade globalmente considerada” (SARMENTO, 2005: 363). Os trabalhos desse campo que emerge se destacam por estratégias de observações de crianças, interações e trocas cujo objetivo é trazer suas interpretações, interrogações e sentimentos com relação ao contexto na qual estão inseridas. Um dos grandes representantes desse movimento é Willian Corsaro. Ao observar e interagir com crianças, o autor destaca que existe uma “cultura de pares”. A cultura de pares seria, segundo ele, “o conjunto estável de atividade ou rotinas, artefatos, valores e interesses que as crianças produzem e compartilham na interação com suas pares” (Mimeo, 2007). Neste sentido, as brincadeiras das crianças não se resumem a uma simples questão de imitação; as crianças apreendem criativamente informações do mundo adulto para produzir suas culturas singulares.

Mergulhar no universo das relações e culturas infantil foi o objetivo de Manuela Ferreiro. Ao realizar uma etnografia com crianças, a autora destaca que “levar mais longe a

perspectiva das crianças com atores sociais é incluí-las como participantes ativos no processo de pesquisa” (Ferreiro, p. 10). Nesse sentido, uma pesquisa de destaque foi realizada por Pereira, Salgado e Jobim e Souza (2002). As autoras acreditam que “a pesquisa com a criança é também um modo de compreendermos criticamente a produção cultural de nossa época e os lugares que adultos e crianças ocupam neste processo de criação” (p.3). No artigo “Pesquisando infância e televisão: algumas considerações teórico-metodológicas”, as autoras buscam refletir como e a partir de que referenciais teórico-metodológicos é possível pesquisar a infância no mundo contemporâneo, considerando a diversidade que apresenta em relação ao olhar adulto, e o diálogo que funda as relações no processo de pesquisa com a criança. As autoras assumem a televisão como objeto de pesquisa, por considerá-la a mais popular forma de mídia, ocupando um lugar de referência na produção da subjetividade contemporânea e pretendem, com a opção por esse veículo, contribuir para a construção de uma análise crítica da infância contemporânea e sua relação com a TV. Tendo em vista a intenção de compreender os sentidos que as crianças constroem a partir das interações com a linguagem televisiva e suas diversificadas formas de programação, a pesquisa realizada pelas autoras adquiriu caráter de intervenção, uma vez que “a intenção é introduzir o estranhamento no olhar e desconstruir o hábito de ver imagens que se sucedem sem interrupção” (p.6). Pereira, Salgado e Jobim e Souza utilizaram como estratégia, dois tipos de trabalhos com a linguagem televisiva. O primeiro é a construção de um outro tipo de audiência, suscitado pela exibição de imagens como disparador de diferentes formas de discussão / expressão junto ao grupo de interlocutores infantis; o segundo, a produção de imagens da linguagem televisiva. As autoras justificam suas escolhas esclarecendo que

“ao entrar em contato com a imagem no vídeo, a criança pode ver-se como outro, instaurando consigo própria uma relação auteritária (...) é obvio que esse distanciamento não se desencadeia pela pura e simples presença do vídeo, mas principalmente pelo diálogo com as crianças e com os outros adultos que ele (o vídeo e as reuniões e conversas em torno das imagens) potencializa”. (p.13)

Dentro desse processo que busca dar visibilidade às crianças e suas práticas, as metodologias utilizadas pelas pesquisas convencionais como a observação participante, a

entrevista e o uso do diário de campo, ganham nova roupagem. Nela, emerge uma concepção de infância que valoriza a criança pelo que ela é, dando espaço ao lúdico e à brincadeira, trazendo desta forma, para o centro das suas estratégias, atividades e técnicas que sejam significativas para o universo infantil.

Foram esses estudos que nortearam a construção de um olhar atento às crianças e suas formas de significar o espaço da praça pesquisada.

Quando o campo é a rua - a pesquisa na cidade

O outro desafio inicial da pesquisa residia na escolha do campo. A escolha dessa praça se deu pela multiplicidade e singularidade que ela apresentou no processo exploratório da pesquisa. Em seu interior coabitam, brinquedos, cavalos e charretes, para alugar; vendedores de balões, um chafariz em seu centro, mesas de jogos, pista de corrida, um comércio organizado ao seu redor e, do outro lado da rua, uma grande escola pública.

Imersa no campo, a primeira constatação foi de que, na praça, eu seria obrigada a criar outras estratégias de observação e análise. Esta percepção foi fundamental para construção do olhar de pesquisadora, rompendo com a idéia de um campo de pesquisa hermético. Minha entrada no campo foi inspirada pela leitura de autores já destacados aqui no texto e por outros ligados à antropologia. Inicialmente, esperava encontrar um grupo de crianças que freqüentasse a praça nos mesmos horários, assim teria um conjunto de depoentes, mas para grande surpresa, a população da praça é flutuante. São em sua maioria moradores dos arredores, que têm freqüência determinada, entre outras coisas, pelas atividades extra-escolares. A avó de Tomás (2 anos) me explica melhor a dinâmica da praça. Segundo ela, quando seu neto era um bebê fez um grupo de dezessete ou dezoito amigos na praça: “era um grupo que se encontrava todo dia”.

As crianças vinham acompanhadas pelas mães, mas quando essas retornavam aos seus trabalhos, diminuía a freqüência dos encontros pois seus filhos passaram a freqüentar creches. Uma mãe também descreve a dinâmica do local. Segundo ela, pela manhã freqüentam a praça as crianças menores, as de “quatro e cinco anos só à tarde”. Já o responsável pelo aluguel de brinquedos acredita que não existe um público para cada horário da praça, mas é o clima que determina a ida das crianças. Ele explica: “agora no inverno está ventando e os pequenos vêm menos à tarde, senão ficam resfriados”. Cabe

salientar que a pesquisa ocorreu durante oito meses e nesse período foram poucas as vezes que houve reincidência do horário das crianças na praça.

Ao perceber a dinâmica que a pesquisa estava tomando, foi preciso a construção de um olhar que buscasse as recorrências e, tendo em mente a provocação de que “o pesquisador é parte do problema” (Oliveira, 1998), a primeira e difícil tarefa era sintonizar meu olhar, meu ouvir e meu escrever, com o sistema de idéias e valores próprios dos protagonistas desta pesquisa.

Inicialmente, optei pela observação participante como principal metodologia, mas com a ida ao campo, compreender alguns significados se tornou necessário. Foram realizadas conversas e entrevistas informais com alguns adultos e crianças. Aproximar-se não foi uma tarefa fácil, diante da complexidade que é o espaço de que estamos falando. Em busca de uma referência para a pesquisa, a pergunta de Gilberto Velho serviu de orientação: como pesquisar em sociedades complexas? Caracterizada como local de coexistência de diferentes estilos e visões de mundo, as sociedades complexas têm como uma de suas marcas a presença e participação de indivíduos de categorias sociais distintas (Velho, 1999). Os estudos de Velho encaminharam a pesquisa no sentido de perceber o campo em toda a sua complexidade, a praça como um organismo que possui cultura e redes de significados. Nesse sentido, era preciso entregar-se à praça buscando seus sentidos e modos de ocupação. Muitas vezes estive ali somente olhando os homens jogando nas mesas, um casal de namorados ou as mudanças que as estações do ano causavam em sua vegetação.

Uma estratégia utilizada foi realizar observações e entrevistas tanto durante a semana como no final de semana. Logo no primeiro sábado, a percepção da existência de duas realidades distintas ficou evidente. Quanto mais imersa no campo, mais a praça se mostrava como um espaço único e fascinante. Durante os dias da semana exibia orgulhosa sua rotina: os praticantes de esportes pela manhã e ao final da tarde, as aulas de ginástica oferecidas pela Prefeitura em dias alternados, os idosos nas mesas de jogos; as crianças no cercado onde estão os brinquedos (gangorra, balaço, trepa-trepa) ou em outros espaços, andando de bicicleta, brincando na areia. Tudo isso, quase que num passe de mágica, se transforma ao chegar o sábado, o domingo e os feriados. Nesses dias, a praça passava a dividir seu espaço com: cavalos, bodes, pôneis (animais que são alugados para passeios na

região), carrinhos elétricos, cama elástica, bamp jump, camelôs, pipoqueiro e muitas crianças e adultos. Era como um caldeirão borbulhante, cheio de pessoas envolvidas com seus diversos atrativos. Algo se destacava na rotina dos finais de semana: existiam atividades ligadas diretamente ao consumo. Como se daria a mistura entre o público e o privado? Como era a relação dos freqüentadores da praça com as atividades pagas? Parecia que o que via era a privatização de um espaço público, e perguntava se não seria exatamente o comércio, os brinquedos pagos e o aluguel de animais os atrativos para muitos freqüentadores daquele lugar.

A dinâmica da praça quebrava todas as expectativas alimentadas no projeto. Outros caminhos precisavam ser delineados: como pesquisar as interações entre as crianças diante de duas realidades que se mostravam cada vez mais distintas? Embora tenha sua população flutuante, pela forma como se relacionavam com a praça, também há uma distinção entre os dois grupos: o do dia da semana e o do final de semana e feriado. Então, havia duas realidades e com públicos distintos. Como resolver essa equação?

A distinção entre local e espaço feita por Certeau apontou um caminho. Segundo o autor, lugar é a ordem segundo a qual se distribuem elementos e o espaço é um lugar praticado (Certeau, 1994, p: 201-202). Desta forma, pode-se considerar que a praça é um lugar, com dois espaços distintos. Observar o espaço físico da praça dissociado das diferentes formas de ocupação ali realizadas, ajudou a definir melhor os rumos da pesquisa. Também no sentido da busca dos significados praticados, Lima (1989) trabalha com o conceito de espaços-ambientes. Os espaços seriam, de acordo com a autora, regulados e significados pela ação de seus freqüentadores. Neste sentido, os ambientes não coabitam; seriam acionados em dias diferentes e, cada um deles, composto por pequenos outros espaços-ambientes. Este foi o principal referencial que norteou a análise do campo. Assim, o primeiro espaço-ambiente é o de encontro entre os moradores da região. Nele, crianças e adultos de variadas idades desfrutavam o lazer. Essa praça representa um dos poucos locais do bairro onde ainda é possível estar em um espaço público com segurança. É uma praça da comunidade. Sua organização e infra-estrutura fazem com que vejamos que o lazer e a cidade são direitos de todos. Lá, a relação entre as pessoas se dá de forma cordial e, muitas vezes, pessoal.

O outro espaço-ambiente é a praça do evento, a praça-programa. Possui uma dinâmica completamente diferente da anterior. Suas principais características são a presença dos brinquedos pagos e um número intenso de usuários. Nos dias em que se torna a “praça dos eventos”, esse ambiente muda sua geografia e, com o reordenamento do seu espaço, percebemos de modo mais claro a distinção entre as duas praças. A Praça deixa de ser território de uso e pertencimento do bairro, já que não são mais apenas os moradores das redondezas que o ocupam, pelo contrário, nessas ocasiões os moradores transformam-se em expectadores e cedem seu lugar aos muitos visitantes que a procuram (Sarlo, 1997). Segundo Liziana, administradora dos cavalos e bodes que são alugados para passeio no interior e entorno da praça: “Essa praça é internacional, já veio gente aqui de tudo que é lugar”. A procura pela praça é tão grande que, segundo ela, “cerca de duas mil crianças circulam na praça por final de semana”. E ainda acrescenta que “em praça nenhuma se tem tantas pessoas como na Xavier de Brito”.

As crianças também percebem a diferença entre os dois espaços-ambientes. Narã (8 anos) aponta o número reduzido de pessoas como sendo motivo de sua preferência pela praça nos dias da semana: “gosto mais da praça nos dias de semana, porque não tem quase ninguém”. Para Tiago (8 anos) “no final de semana tem gente vendendo brinquedos, pipoca, algodão doce e tem muito mais pessoas brincando.” Ele diz: “eu gosto mais da praça nos dias da semana porque é mais vazio e a gente não tem que ficar esperando para brincar”. Outras crianças também comentaram em suas entrevistas sobre a espera para utilizar os brinquedos nos finais de semana. Até ouvir a opinião das crianças, esse fato não contava em nenhum dos apontamentos do caderno de campo. Segundo a descrição que havia sido feita nas primeiras observações, o espaço do cercado (local onde estão balaço, gangorra e trepa-trepa) estava descrito como organizado, com brinquedos adequados e em número suficiente. Mas o depoimento, Jenifer (9 anos) coloca as evidências da pesquisadora em xeque: “eu acho que a Prefeitura devia colocar mais brinquedos, porque a gente tem que fazer fila para brincar”.

Ao notar a presença de dois espaços-ambientes no campo, passei a orientar a análise considerando esses como espaços distintos e nomeando-os como: Praça Xavier de Brito e Praça dos Cavalinhos. A escolha dos nomes se deu com base no modo como as pessoas se referiam à praça. Para os freqüentadores do local, moradores do bairro, ela é chamada tanto

de Xavier de Brito como de Praça dos Cavalinhos. Já na dinâmica dos finais de semana, seus usuários se referem a ela somente como Praça dos Cavalinhos. Assim, o próprio campo indica a denominação mais adequada para os dois espaços.

Espaço, cidade e relações sociais

Embora aja a distinção entre as duas praças, pelos modos de significação, uma não existe em detrimento da outra. A pesquisa não buscou encontrar um local mais favorável para as crianças ou práticas mais adequadas. O que a análise pretendeu foi perceber as relações entre crianças e adultos nesse espaço onde coabitam dois ambientes. Mesmo com desenhos tão diferentes, uma das conclusões é que os dois espaços são marcados pela busca por encontros. Encontros entre próximos, como os familiares; encontros com desconhecidos; encontros pessoais, encontros com a cidade, com quem, a cada dia, menos estamos.

A descoberta da singularidade desse espaço tomou muito tempo da pesquisa. Já que cada um deles possui uma história que não se encontrava sistematizada em nenhum órgão público.

De todas as suas formas de significação, podemos destacar que a **Praça Xavier de Brito** é ocupada por diferentes grupos. Os idosos são o grupo mais representativo. Recentemente foi feita uma reforma no local ampliando os espaços por eles ocupados. Outros frequentadores são as crianças que moram ou estudam em suas imediações, os praticantes de esportes e os jovens que estudam à noite.

A história da **Praça dos Cavalinhos** está intimamente relacionada aos cavalos e bodes que foram os primeiros elementos trazidos para o seu interior, iniciando uma prática de entretenimento planejado e consumo. Segundo Liziana Monteiro, seu pai, Alberto Monteiro começou a trabalhar na Praça 1954, alugando animais para passeios. Em sua trajetória, Alberto Monteiro veio de Portugal diretamente para a Xavier de Brito, onde começou suas atividades com os “bodinhos e os muares”, diversificando depois. Segundo Liziana “antigamente, só existiam os bodinhos e os muares”.

Em 1997, Alberto Monteiro faleceu e, em 1999, Liziana assumiu o comando do trabalho com os animais na praça. “É, nós estamos na terceira geração, eu estou pegando a terceira geração. É muito antiga a praça. Meus filhos cresceram aqui. Quando o meu pai faleceu, a gente não teve coragem de acabar”.

Hoje, além dos cavalos, charretes, burrinhos, bodinhos e carrinhos elétricos, na Praça ainda há um pula-pula, duas camas elásticas, um bungee jump, um pipoqueiro, uma carrocinha de sorvete, cinco barracas de camelôs e um retratista. Nos últimos tempos os comerciantes que exploram a Praça se organizaram em uma associação: a Associação dos Prestadores de Serviço da Praça. Segundo Edna, uma das trabalhadoras daquele local, “esta associação está com o seu registro em andamento na sub-prefeitura da Região. São, ao todo, vinte e cinco vendedores que exploram a praça”. Suas atividades podem acontecer aos sábados, domingos e feriados das 8:00 às 18:00 horas. Para Liziana, a associação “foi criada para conter os camelôs, para manter só o pessoal antigo, que já estava aqui. Tem pessoas que estão aqui há muitos anos”.

A grande maioria das crianças que frequenta a praça nos finais de semana vêm arrumadas como se fosse para uma festa. A Praça dos Cavalinhos é um programa para crianças de vários locais da cidade. Ao descrever a sua dinâmica, a mãe de Marcus (quatro anos) explica: “essa praça, no final de semana, é bem mais cheia”. Comenta que chama sua atenção o número de pais que acompanham seus filhos. Diz que percebe esse espaço como um local democrático, de acesso a todos. No entanto, isso não foi percebido ao longo da pesquisa. Durante toda a observação só em um dia de vacinação a praça parecia ser realmente de todos. Esse dia foi peculiar porque pôde ser percebida a presença das classes populares na praça.

Dentro da análise da Praça dos Cavalinhos, três situações específicas puderam ser observadas e são apresentadas a seguir.

Relações entre adultos e crianças na praça

O cercado é local mais procurado pelas crianças e por suas famílias. Mesmo sendo um espaço amplo, com somente uma saída pequena, raramente as crianças ficam sozinhas. Dentro do cercado circulam tantos adultos que, às vezes, é difícil ver as crianças. Eles passam todo o tempo atrás das crianças, empurrando-as no balanço, ajudando-as no trepa-trepa ou no escorrega. Existe pouca interação entre as crianças sem a mediação dos adultos. Uma hipótese levantada antes da entrada no campo de pesquisa era a de que os adultos levavam as crianças à praça para encontrarem-se com outras crianças, mas a observação sistemática mostrou o contrário. A princípio, as atitudes dos adultos pareciam atrapalhar as

crianças em suas explorações. Mas, considerando-se como têm sido poucos os momentos de convivência entre pais e filhos, devido ao número de horas que passam fora de casa, uma outra hipótese foi construída: os pais aproveitam essa ocasião para estarem com seus filhos e, nesse sentido, a praça é somente o pano de fundo para a relação entre eles. Mesmo em novos moldes, com atividades relacionadas ao consumo, esse ainda é um espaço de encontro. Os adultos brincam, desafiam e encorajam as crianças, incentivando suas conquistas. São olhares de cumplicidade e muita paixão.

Os brinquedos pagos

Os cavalos e os brinquedos - ou as atividades pagas - são a grande marca da Praça dos Cavalinhos. A presença de um comércio organizado da forma como acontece foi um dos fatores determinantes para a escolha desse local como campo de pesquisa. Com o crescimento das cidades e a falta de planejamento urbano, o lazer foi ficando fora das agendas políticas e se tornando um setor ocupado pela esfera privada. Encontrar um local público seguro, limpo e estruturado, destinado ao lazer, está cada vez mais difícil. No caso da Praça, o que ocorre é bem interessante pois, se por um lado pode ser considerada como um dos poucos locais destinados ao lazer público, na prática tem sua estrutura utilizada em benefícios de particulares, com fins lucrativos.

A presença do comércio e, principalmente, dos brinquedos pagos promovem a privatização desse espaço: para se ter acesso a tudo o que ele disponibiliza é preciso pagar. Não se pode esquecer que se trata de um espaço público que, por natureza, é um espaço de todos.

Nas entrevistas as crianças falam sobre a presença dos brinquedos pagos. Tiago (oito anos) diz que “não brinca, porque tem que pagar” Silvan (oito anos) diz que “gosto do escorrega, do balanço e da gangorra”. Fala que no final de semana a praça fica mais cheia. Segundo ele: “têm brinquedos, carrinhos”. Comentando sobre como é o funcionamento desses brinquedos, diz “Eles botam as crianças para pagar, eu acho que é um abuso deles!”. Sua fala mostra como as crianças se sentem excluídas, e têm uma leitura crítica do comércio na praça. Jenifer (nove anos) diz que “no final de semana tem mais coisa. Tem pula-pula!”. Seus olhos brilham ao falar sobre o brinquedo. Ao ser perguntada se o utiliza ela responde, abaixando o olhar: “quando não tem dinheiro tem que ficar só no balanço,

tudo bem!”. A mãe de Marcus (quatro anos) diz que seu filho não vai a todos os brinquedos por uma questão de limites, mas que, eventualmente, anda de cavalinho. Diz que não traz o seu filho em função dos brinquedos pagos, “eu quero que ele se socialize”. Chama atenção para a presença do comércio e os maus-tratos aos animais “existe um comércio aqui, você vê, eles são mal tratados” (referindo-se aos cavalos). Segundo ela, tem pai que trabalha fora e no final semana, quer suprir sua ausência consumindo junto com seu filho.

O espaço do brincar

Com a elaboração da pesquisa de campo foi possível perceber que os deslocamentos das crianças eram realizados em função das possibilidades do espaço. Para as brincadeiras eram utilizados os locais livres, os espaços entre as mesas de jogos, a quadra de bocha e a pista de caminhada. O espaço foi, constantemente, resignificado. O tampo das mesas deixava de ser local para as peças dos jogos e torna-se caminho para os carrinhos, os ferros que serviam como suporte para o bungee jump se transformavam em obstáculos a serem transpostos com os velocípedes ou em traves para uma partida de futebol.

O cercado é o espaço mais procurado da Praça, tanto no meio, quanto no final de semana. Nas conversas, as crianças mostraram suas preferências pelos brinquedos que ali estão. O balanço, o escorrega, a gangorra e o trepa-trepa são os favoritos. Em suas falas, as crianças não pedem mais cavalos ou carrinhos, querem que a prefeitura coloque mais brinquedos e reclamam da fila que é formada para utilizá-los no final de semana. Os adultos também chamam atenção para o fato de que, no final de semana, o espaço do cercado fica muito cheio, não dando vazão às necessidades das crianças.

Diante da dinâmica da praça, fica a pergunta: que entretenimento tem sido oferecido às crianças? Qual o valor da brincadeira na contemporaneidade? Acreditando que é no brincar que a criança recria o mundo que a rodeia, resignificando a cada instante o universo do qual faz parte, e que as brincadeiras e os jogos garantem a elas formas próprias de compreender o mundo físico e social, facilitando seu relacionamento com ele, parece claro que é importante assegurar esse direito para a criança, mas embora os estudos e pesquisas tragam essas considerações, existe uma forte tendência, na sociedade de consumo, em valorizar muito mais o brinquedo do que o próprio ato de brincar. Boa parte dos brinquedos presentes na Praça dos Cavalinhos obedece a essa lógica, principalmente os carrinhos

elétricos, eles não se propõem a serem mediadores entre as crianças. São: início, meio e fim da brincadeira. Dentro de sua execução, as crianças tornam-se expectadoras. Não é a criança que dá funções ao brinquedo, é o brinquedo que impõe à criança a sua execução.

Como atores sociais, é indispensável que as crianças possam construir, no tempo presente, modos críticos e criativos de ser e de se expressar; a brincadeira tem um importante papel nesse sentido. As crianças entrevistadas privilegiam os encontros e elegem os brinquedos que propõe integração e que podem ser controlados por elas, como seus favoritos.

Considerações finais

Ao perceber a dinâmica dessa Praça, fica a necessidade de ampliar o olhar para os espaços públicos e ver as interações que as crianças estabelecem com e na cidade. Ver a dinâmica de outros locais. Sobre essa pesquisa vale destacar a dificuldade em obter dados referentes à praça e indicadores do bairro. Vendo o reconhecimento da praça por parte de vários moradores da cidade e, sabendo da importância do bairro, não imaginava ter que transpor tal obstáculo. Outro fator que merece consideração foi o sentimento de que, ao iniciar a pesquisa, o campo me fisgou e, ao viver sua dinâmica, acabei sacrificando outras possibilidades de análise, deixando sem respostas algumas questões de meu maior interesse, e que foram motivadoras deste estudo. Outra questão foi: como transformar em depoimento as falas das muitas pessoas que cruzaram meu caminho, ao longo desse período e, ao ouvirem “eu pesquiso crianças na Praça dos Cavalinhos” me diziam conhecê-la e imediatamente começavam a narrar suas vivências nesse espaço. Como não foram depoimentos colhidos na praça, essas histórias serviram apenas para mostrar que aquele era realmente um lugar significativo para a infância na cidade. Transformar os depoimentos colhidos na cidade sobre a praça foi desejo não contemplado pelo tempo e pela falta de uma metodologia que me ajudasse nessa tarefa, outro desafio não contemplado foi uma análise mais sistemática dos desenhos que as crianças realizaram em algumas de nossas conversas. O encontro com as crianças na cidade me mostrou como a brincadeira para elas era importante. Ao abordar as crianças, os sorrisos e os olhares para os brinquedos, por cima de meus ombros, me diziam que para elas também o tempo é curto, o tempo precioso do brincar. O tempo fugaz de sua atenção.

Referências Bibliográficas

- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CORSARO, W. *Reprodução Interpretativa e cultura de pares em crianças*. (Mimeo)
- FERREIRA, M. “Branco demais” ou... reflexões epistemológicas, metodológicas e éticas acerca da pesquisa com crianças. Caxambú: ANPEd, 2005. [mimeo]
- LIMA, M. *A criança e a cidade*. São Paulo: Nobel, 1989.
- OLIVEIRA, R. *O trabalho do antropólogo*. UNESP, Paralelo 15, São Paulo: 1998.
- PEREIRA, R. R. SALGADO, R. e JOBIM E SOUZA, S. *Pesquisando infância e televisão: algumas considerações teórico-metodológicas*. Caxambu: Anped, 2002
- QUINTEIRO, J. *Sobre a emergência de uma sociologia da infância: contribuições para o debate*. In: *Perspectiva*, nº Especial, p. 137-162, Florianópolis, jul-dez. 2002
- SARLO, B. *Cenas da vida pós-moderna intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- SARMENTO, M. *Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância* In: *Revista Educação e Sociedade.*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, Maio/Ago. 2005
- VELHO, G. *Projeto e metamorfose Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999